

**OS IMIGRANTES ITALIANOS E O JORNAL LOCAL *L'OPERAIO ITALIANO*:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX**

**ITALIAN IMMIGRANTS AND THE LOCAL NEWSPAPER *L'OPERAIO
ITALIANO*: Economic and social structure in the São Carlos during the last
decades of the nineteenth century**

Marili Peres Junqueira¹

*“Uma vez vencidos os últimos preconceitos do estrangeiro
contra nossa lealdade, estarão abertas as portas á imigração.
Mais um esforço e tudo ficará feito.
A geração actual não fruirá gozos,
mas com toda a certeza
a vindoura colherá os fructos de trabalho tão afanoso.”*
Joaquim Floriano de Godoy (1978)

Resumo:

O presente artigo busca delinear o papel da imprensa na construção identitária do imigrante, destacando o italiano, na cidade de São Carlos-SP e a sua relação com a estruturação econômica e social durante as últimas décadas do século XIX. Para tanto, faz-se necessário, ressaltar algumas questões clássicas sobre a industrialização no estado de São Paulo discutidas por Antonio Barros de Castro - *Herança regional do desenvolvimento brasileiro*, e por Wilson Cano - *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Após a sucinta exposição desses autores, faz-se uma breve relação dos imigrantes na vida comercial urbana de São Carlos no final do século XIX. Esse cenário repete-se em várias cidades do interior do Estado de São Paulo, não é uma exclusividade de São Carlos, e evidencia a formação social e econômica de São Paulo, e consequentemente do Brasil.

Palavras-chave: Imigração italiana, Século XIX, imprensa, identidade, formação social e econômica

¹ Doutora em Sociologia (2004) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus Araraquara/SP. Atualmente é professora associada ligada ao Instituto de Ciências Sociais (INCIS) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase nos seguintes temas: Sociologia Urbana, Imigração e Urbanização, e Ensino de Sociologia.

Abstract

This article aims to delineate the role of the press in the construction of immigrant identity, highlighting the Italian in the city of São Carlos-SP and its relationship with the economic and social structure during the last decades of the nineteenth century. Therefore, it is necessary, to point out some classic issues of industrialization in the state of São Paulo discussed by Antonio Barros de Castro - *Herança regional do desenvolvimento brasileiro*, and Wilson Cano - *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. After a brief summary of these authors, it is a quick relation of immigrants in urban commercial life of San Carlos in the late nineteenth century. This scenario is repeated in several cities in the state of São Paulo, it is not exclusive of San Carlos, and highlights the social and economic formation of São Paulo, and consequently Brazil.

Keywords: Italian immigration, Nineteenth century, Press, Identity, Social and economic formation.

Introdução

O presente artigo busca delinear o papel da imprensa na construção identitária do imigrante, destacando o italiano, na cidade de São Carlos-SP e a sua relação com a estruturação econômica e social durante as últimas décadas do século XIX. Para tanto, faz-se necessário, ressaltar algumas questões clássicas sobre a industrialização no estado de São Paulo discutidas por Antonio Barros de Castro - *Herança regional do desenvolvimento brasileiro*, e por Wilson Cano - *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Após a sucinta exposição desses autores, faz-se uma breve relação dos imigrantes na vida comercial urbana de São Carlos no final do século XIX. Esse cenário repete-se em várias cidades do interior do Estado de São Paulo, não é uma exclusividade de São Carlos, e evidencia a formação social e econômica de São Paulo, e consequentemente do Brasil².

A perspectiva adotada por Antonio Castro (1971) para observar a economia regional vai priorizar o “potencial de transformação” e a “crise” de uma atividade. O potencial de transformação é a valorização das demais atividades que acompanham a atividade exportadora propriamente dita, e leva a indagar sobre as tendências e possibilidades entreabertas pelo aproveitamento dos fatores produtivos congregados nas regiões. Segundo esse autor, o café foi uma atividade que teve potencial de transformação para a região de São Paulo em meados do século XIX. A crise provocada pela decadência da cafeicultura no início do século XX teve papel preponderante para as transformações.

² Esse artigo está fundamentado nas pesquisas que desenvolvo a partir do mestrado sobre o cotidiano do imigrante italiano no interior paulista no final do século XIX por meio dos jornais locais publicados no período, fonte muito vasta de pesquisa e pouco utilizada pela Sociologia.

Pois, para ele, estudando a crise pode-se estabelecer padrões de reação; como o esvaziamento, a introversão, a substituição (de uma cultura por outra), ou a superação (diversificação e industrialização). Para Castro (1971), não apenas a involução é o que mais interessa, mas como as reações que acompanham são tratadas como a busca de uma nova estruturação, ou seja, são ações referidas ao futuro e não ao passado.³

Todas as exigências do café, segundo Castro (1971, p. 62-65), foram amplamente atendidas (ampla disponibilidade de terras, vias de transporte, necessidade de crédito, mão-de-obra), por isso ocorreu uma superprodução, e conseqüentemente a crise. A disponibilidade de terras impedia a regulação da oferta, uma vez que o consumo não acompanhava a demanda.

O café teve uma “sobrevida”, segundo Castro (1971, p. 76-82), devido a alguns fatores como a política de defesa do café, a regulação de estoques, a diversificação da economia centro-sulina, a procura por centros urbanos, a melhora na operação das fazendas, o retalhamento e venda de propriedades envelhecidas, o reforço da infraestrutura da própria atividade cafeeira, a subutilização do solo, a policultura e a pecuária. Na esteira do café formou-se indústrias para o suprimento das necessidades do café e pequenos estabelecimentos artesanais e semi-artesanais (normalmente de propriedade de imigrantes)⁴. O poder aquisitivo derivado das exportações paulistas, que era o triplo das estadunidenses e o quádruplo das argentinas, no mesmo período, era basicamente destinado ao mercado interno, apesar da precariedade dos meios de transportes⁵.

Contudo isso não deteve a crise e propiciou algumas reações como a queda das cotações, o êxodo da mão-de-obra para as cidades (fazendeiros e imigrantes dariam novo impulso ao crescimento urbano paulista, o sistema de crédito voltando-se para outras atividades (especialmente urbanas), a queda da capacidade de importação, o investimento nas indústrias “competitivas” (em detrimento das “naturais”), a substituição de importações, e a aceleração do próprio processo de industrialização-urbanização⁶. Vê-se assim que foi a “crise” e o “potencial de transformação” do café que deram início à indústria no estado de São Paulo, pelo ponto de vista de Antônio Barros de Castro.

³ CASTRO, 1971, introdução.

⁴ CASTRO, 1971, p. 70.

⁵ CASTRO, 1971, p. 68-69.

⁶ CASTRO, 1971, p. 96-99.

A formação econômica cafeeira em São Carlos por meio do jornal

As primeiras notícias de plantações de café da região de São Carlos são da década de 1840. Pouco depois, em 1876, segundo Oswaldo Truzzi (1986), vieram os primeiros imigrantes para a lavoura de café, por iniciativa particular de Antonio Carlos de Arruda Botelho, o Conde do Pinhal, que financiou a vinda de 100 famílias alemãs⁷. Contudo, somente na década de 1880 o café se encontrava em franco progresso na região, com a introdução do elemento estrangeiro, principalmente o imigrante italiano. Segundo Madureira (1987) até a década de 1870 a cultura do café na região de São Carlos era incipiente. Na década seguinte, São Carlos acompanhou todo o Oeste Paulista, ampliando e tornando o café a mais importante cultura do município. Para a autora, a expansão cafeeira ocorrida na década de 1880 só foi possível devido à presença de colonos estrangeiros, que por vezes conviviam ainda com os escravos nas fazendas de São Carlos.

O jornal L'OPERAIO ITALIANO publicado em São Carlos⁸ se constitui num exemplo significativo por ter uma relação corporativa com os imigrantes italianos e para a história da imprensa de São Carlos na medida em que ele foi fundado por uma Associação Tipográfica. Os integrantes da colônia italiana, por meio da associação, cotizaram-se e assim puderam assegurar a sua publicação. Neste sentido, os jornais se constituem em pólo aglutinador de segmentos sociais. Em decorrência da formação do jornal, suas matérias e seus anúncios teriam como característica básica, servirem de auxílio ao imigrante italiano. O L'OPERAIO ITALIANO é um jornal que reflete a ambiguidade do pensamento político de seus dirigentes e proprietários. O jornal era pago para publicar as notícias oficiais do município; tal situação dificulta uma relação objetiva e crítica com a administração do município. Contudo, ele ainda publicou trechos do *Capital* de Karl Marx em italiano, na mesma forma de um folhetim. Além de alertas para a Colônia Italiana nas suas relações de trabalho. Mas, por ser o único a publicar as notícias oficiais, era lido por todos, e assim se estreitavam os laços com a comunidade local.

⁷ TRUZZI, 1986, p. 59.

⁸ Foram recuperados os jornais do L'Operaio Italiano - 24 jun. 1899, 13 out. 1899, 18 mar. 1900, e sup. n.5 e 9.

Figura 1. Jornal L'Operaio Italiano

ANNO I	S. Carlos do Pinhal—Sabbato, 24 Giugno 1899	NUM. 5
ABBONAMENTI Anno per S. Carlos do Pinhal. 12\$000 " " lo Stato di S. Paulo. 12\$000 " " gli altri Stati . . . 11\$000 Numero separato rs. 200 Pagamento trimestrale e posticipato	L'Operaio Italiano GIORNALE SETTIMANALE	PROPRIETARI Naldi e Ferracciù DIREZIONE Rua Aquidaban, esquina da rua Yvetotia Amministrazione—Rua General Osorio n. 137. PER ANNUNZI PREZZI DA CONVENIRSI
<i>Ai forti è la pietà retaggio</i>	DIRETTORE RESPONSABILE <i>G. de Simoni -- Ferracciù</i>	<i>L'om vile più d'una volta muor pria di morire, ed una sola il coraggioso.</i>

Fonte: L'Operaio Italiano. São Carlos, 24 jun. 1899.

Figura 2. Jornal L'Operaio Italiano

IL CAPITALE
— DI —
CARLO MARX
RIASSUNTO DA
GABRIELLE DEVILLE
Brevi cenni sul socialismo scientifico
CON RISPOSTA ALLA
CRITICA DEL MACHESE V. PARETO

Fonte: L'Operaio Italiano. São Carlos, 13 out. 1899.

Figura 3. Jornal L'Operaio Italiano

IL CAPITALE
— DI —
CARLO MARX
Sviluppo della produzione capitalistica
SEZIONE PRIMA
MERCE E MONETA
CAPITULO II
*La moneta o la circolazione della
merci*

Fonte: L'Operaio Italiano. São Carlos, 18 mar. 1900

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

Entre os diretores estão Ferracciù De Simone, e propriedade do próprio Ferracciù e de Naldi, figuras muito polêmicas. Ferracciù teria liderado, em 1894, a pancadaria de italianos contra a guarda nacional no largo da Santa Cruz, e teria também, tomado a Estação da Companhia Paulista de São Carlos e telegrafado ao consulado italiano, informando dos acontecimentos. Durante o tiroteio do conflito morreu Giorgio Mascaro, no largo Santa Cruz. Mascaro é acusado junto com o capitão Aliote, italiano e instrutor de esgrima da guarda nacional, de ser um dos líderes desse tiroteio no largo da Santa Cruz. Ferracciù foi tido também como líder da colônia italiana, aparece citado como participante da quadrilha do Mangano⁹, mas não aparece no processo criminal do Mangano. Foi fundador da loja maçônica Cristoforo Colombo, composta predominantemente de italianos. Por trás de toda essa história, coordena, dirige e é coproprietário de um jornal que é o órgão oficial do município. Ferracciù mais o capitão Aliote se comportavam como verdadeiros anarquistas, segundo testemunhas do conflito com a guarda nacional. Depois ele mesmo escreve no A OPINIÃO, outro jornal local, elogiando o delegado Gaspar Berrance, por ter prendido e acabado com a quadrilha Mangano¹⁰. Esta ambiguidade encontrada neste jornal e nesse indivíduo pode ser entendida como indicadora de como era turbulenta e confusa a sociedade de São Carlos do Pinhal no fim do século XIX¹¹. Esse panorama apresentado para São Carlos no final do XIX se classificaria como uma “identidade de projeto”. Para Castells (2010. p. 24), essa identidade é formada “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”. Os locais adotam São Carlos como seu espaço de interação e tentam organizá-lo para os seus ideais e segundo os seus valores¹². Pode-se observar assim como as estruturas e as práticas são indicativas de um *habitus* sendo construído e organizado pelo jornal. Segundo Miceli para Bourdieu (2007, p.XLI),

A mediação operada pelo *habitus* entre, de um lado, as estruturas e suas condições objetivas, e de outro, as situações conjunturais com as práticas por elas exigidas, acabam por conferir à *práxis* social um espaço de liberdade que, embora restrito e mensurável porque obedece aos limites impostos pelas condições objetivas a partir das quais se

⁹ A quadrilha Mangano foi um grupo de assaltantes, que se formou na cidade quando em crise pela epidemia de febre amarela, entre 1896 e 1898. Camargo (1928); Rizzoli (1995); Damiano (1996); Junqueira (1998).

¹⁰ O S. CARLOS DO PINHAL. São Carlos, 25 set. 1895.

¹¹ Rizzoli (1995).

¹² “Locais” é uma nomenclatura referente àqueles indivíduos vindos de outros lugares do Brasil e de outros países que chegam a São Carlos, e fazem desta cidade o seu espaço social.

constitui e se expressa, encerra as potencialidades objetivas de inovação e transformações sociais.

Para Wilson Cano, a relação entre o café e a indústria se dá por meio de um processo dinâmico e complexo. Cano desenvolve a ideia de “complexo cafeeiro capitalista de São Paulo”, que é um processo dinâmico de acumulação de capital dado pelo conjunto de atividades integradas e interrelacionadas, em função do desenvolvimento da lavoura cafeeira. São Paulo contou com avançadas relações capitalistas de produção, amplo mercado “interno”, e uma avançada agricultura mercantil para sua expansão diversificada e concentradora, ao contrário das demais regiões do país¹³.

Cano (1998, p. 33-34) ainda descreve os principais componentes do complexo cafeeiro: atividade produtora do café, agricultura de alimentos e matérias-primas (dentro e fora da propriedade cafeeira), atividade industrial (nos seus três segmentos, produção de equipamentos de beneficiamento do café; indústria de sacarias de juta; demais compartimentos da indústria manufatureira, destacando-se a têxtil), implantação e desenvolvimento do sistema ferroviário paulista, expansão do sistema bancário, atividade do comércio de exportação e de importação, desenvolvimento de atividades criadoras de infraestrutura (portos, armazéns, transportes urbanos, comunicações, urbanização, atividades comerciais, serviços públicos, como energia elétrica, atividades bancárias e industriais), atividade do Estado (tanto do governo federal como do estadual, principalmente pela ótica do gasto público). Também destaca as seguintes variáveis: movimento migratório (trabalho livre - crescimento demográfico), disponibilidade de terras, saldos da balança comercial (com o exterior e com o resto do país), capital externo, políticas tarifária, monetária, cambial, e as políticas de defesa e valorização do café.

Para Cano (1998, p. 33-34), os efeitos do inter-relacionamento dos componentes com as variáveis podem ser sentidos na redução dos custos da produção, na ampliação do nível da produtividade, na ampliação do excedente, na ampliação e diversificação do investimento, e na ampliação do mercado. A análise de todo o processo de acumulação da economia brasileira até 1930, por essa ótica, ressalta o caráter dominante e o dinamismo do **capital cafeeiro paulista**, e dessa forma reforça que a atividade industrial, e as demais do período, estavam a ele relacionadas por um processo dinâmico e complexo¹⁴.

¹³ CANO, 1998, p. 25 e LORENZO, 1979, p. 9.

¹⁴ CANO, 1998, p. 273-275 e LORENZO, 1979, p.10.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

Para Cano (1998, p. 273),

Essa imigração, constituindo uma superabundante oferta de força de trabalho, permitiu ainda a formação de um mercado de trabalho livre, que funcionou com baixas e flexíveis taxas de salários, resolvendo precocemente o problema de suprimento de força de trabalho à economia urbana que se desenvolveu a partir da década de 1980. Portanto, a nascente indústria paulista, embora subordinada pelo capital cafeeiro, dele beneficiava-se duplamente: recebia o mercado criado pelo café, ao mesmo tempo em que dispunha de força de trabalho barata e abundante.

No final do século XIX, a região de São Carlos se caracterizava essencialmente pela economia agroexportadora, baseada na produção de café. Diante da crescente expansão do café para o Oeste, da necessidade de incorporação de novas terras, das técnicas de cultivo rudimentares e do declínio da escravidão, a imigração surgia como a fonte potencial de mão-de-obra, e a solução para um ideal de uma “nação branca civilizada”, principalmente a imigração italiana¹⁵. Desta forma, a análise realizada para São Carlos possibilita ser um estado de caso que pode ser aplicado e ampliado para outras cidades neste momento. Uma cidade que recebia o complexo cafeeiro na sua produção rural, seus reflexos urbanos industriais e a vinda de imigrantes como força de trabalho barata e abundante.

O jornal L'Operaio Italiano, já mencionado, traz uma alerta para os trabalhadores de que os fazendeiros e os industriais estariam pagando seus empregados com “títulos” ou “papéis sem valor”. Esta é uma denúncia grave e mereceu destaque no jornal, apesar do colunista reclamar ao final que lhe foi dado pouco espaço e que retornará a discussão na próxima edição. Esse é um dos reflexos da crise sazonal do café sentida pelos trabalhadores apresentada acima por Cano e Castro e observada agora nos jornais locais.

¹⁵ COSTA, 1985, p. 162-172.

Figura 4. Jornal L'Operaio Italiano

DEVONO GARANTIRE L'OPERAIO
DEVONO PAGARECHI LAVORA ; al-
trimenti l'operaio abbandonerà i
campi e le fabbriche ; e lo farà for-
zato dalla necessità di procac-
ciarsi altrove un mezzo di vita
per l'esistenza della famiglia.
Ci si dirà che i coloni sono
pagati.
SI MENTE risponderemo noi :
SI MENTE SPUDORATAMENTE.
Se è vero che parte dei fazen-
dieri pagano pontualmente i loro
coloni, se è vero che parte
degli industriali pagano i loro ope-
rai ; non è men vero che la mag-
gioranza dá, a quegli ed a questi ;
certi pezzi di carta scritta in vir-
tù della quale si dichiarano de-
bitori ; poco curando se quel do-
cumento ha appena il valore di

un pezzo di carta straccia—Di-
ciamo carta straccia, perchè nes-
sun banco ne fa lo sconto, nes-
sun commerciante l'accetta come
legale, dimodochè quei poveri
disgraziati fanno il cammino del-
la via crucis, da Erode a Pilato,
senza ottenere il minimo risul-
tato.
In conclusione : SONO RUBATI
DEL FRUTTO LABOROSO ED ONES-
TO DEL LAVORO, E NON PROTETTI
NEANCHE DALLA LEGISLAZIONE
VIGENTE.
Noi, che possediamo nel no-
stro tiretto per più di sessanta
conti di reis di titoli di nessun
valore, appartenenti a coloni
vittime della crapula ; esponendo
il male, intendiamo indicarne il
rimedio che applicato in tempo
sarà di utilità al fazendiere e di si-
curo indirizzo al colono.—E ciò
e quanto faremo nei prossimi
numeri del giornale non permet-
tendocene la ristrettezza dello
spazio, farlo in una volta sola.
RICHELEEV.

Fonte: L'Operaio Italiano. São Carlos, 13 out. 1899.

Para Martins (1973, p. 15-20), a imigração maciça de trabalhadores estrangeiros para o Brasil, e dentre eles principalmente italianos, sobretudo a partir de 1886, e que perdurou por “quase meio século, está diretamente ligada à constituição de um mercado livre de trabalho para a grande lavoura de café, tendo como suporte simbólico a ascensão social do trabalhador para essa forma de campesinato”. Martins demonstra que essas características distintivas do imigrante e do campesinato foram concretamente engendradas pela sociedade de adoção do imigrante. Vale ressaltar, que essas condições viabilizaram a identidade do imigrante, principalmente do italiano, que teve uma dupla relação formativa, a de “imigrante” propriamente dita, e a de “italiano”, tendo em vista que em seu país a constituição desta identidade não estava consolidada por várias questões históricas e sociais¹⁶.

O café contou com avanços tecnológicos vitais para sua expansão, como já foi ressaltado. Primeiramente, a ligação entre as fazendas produtoras de café e os portos era feita por meio de lombos de mulas, os tropeiros. Porém com a demanda e a produção

¹⁶ GOOCH, 1991.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

umentando, essa forma rudimentar de transporte foi substituída pela estrada de ferro. As estradas de ferro passaram a substituir os tropeiros para os longos percursos, e eles passaram a ligar apenas a fazenda à estação mais próxima e para transportar as mercadorias necessárias à fazenda¹⁷. Segundo Vangelista (1991, p. 33), as estradas de ferro e o capital inglês, nelas investido, transformaram profundamente a paisagem, a estrutura urbana e a economia de várias zonas paulistas no século XIX. Muitos troncos ferroviários, construídos para escoar a produção agrícola, foram abandonados quando o café entrou em decadência.

Segundo Holloway, o plantio do café no planalto ocidental de São Paulo ocorreu, praticamente, no mesmo período que no Vale do Paraíba. Entretanto, na década de 1880, a estrada de ferro revolucionou o transporte do café, expandindo as áreas de acesso fácil à costa, e conseqüentemente aos portos.

O oeste de São Paulo, antes uma selvagem área de fronteira cruzada pelos bandeirantes, parcamente povoada por índios e lavradores brasileiros, que produziam alimentos, gado e algum açúcar, tornou-se o centro dinâmico da lavoura cafeeira do Brasil. (HOLLOWAY, 1984, p. 23)

Holloway (1984), coloca que além das estradas de ferro, os navios a vapor também facilitaram a expansão do café para o mundo. A navegação foi de vital importância para a vida econômica de São Paulo. Os navios partiam dos portos levando o café para os mercados externos e traziam trabalhadores para o café, geralmente da Europa Meridional. Já as estradas de ferro exerciam o mesmo papel dos navios, só que ligando o interior à costa¹⁸.

O período de 1880 até 1930 foi a época em que o oeste de São Paulo predominou entre todas as áreas produtoras de café do mundo. As condições naturais de São Paulo e as exigências técnicas do café influenciaram o modo de organização da força de trabalho da fazenda, e a demanda de mão-de-obra. São Paulo contava ainda com a abundância de terras e a contínua disponibilidade de solo virgem na fronteira ocidental, justamente quando ocorreu o grande *boom* dos preços do café, entre 1885 a 1896. As condições propícias concorreram para um aumento no número de cafeeiros em produção no oeste de São Paulo, entre os anos de 1886 a 1900, especialmente na região designada como Paulista por Holloway, que inclui o município de São Carlos¹⁹, conforme colocado por Cano e Castro e tratado anteriormente.

¹⁷ VANGELISTA, 1991, p. 31.

¹⁸ HOLLOWAY, 1984, p. 21.

¹⁹ HOLLOWAY, 1984, p. 22-26.

Segundo Vangelista (1991), a fronteira, neste contexto histórico, é diferente da definição geográfica atual para o termo.

Fronteira é a faixa territorial continuamente em movimento, voltada aos espaços ainda desconhecidos ou, de qualquer forma, livres e passíveis de serem conquistados, determinada pelo avanço dos processos de povoamento e de criação de uma estrutura produtiva coerente com o resto do território já ocupado. (VANGELISTA, 1991, p. 237)

A fronteira do café se encontra em franco movimento em São Paulo, durante o período de pujança do café.

por ser a terra baratíssima em relação ao capital e à mão-de-obra, não se faziam esforços para prolongar-lhe a fertilidade. Em consequência disso, criou-se um padrão de fronteira falsa, que gradativamente se movia em direção do oeste e deixava após si terras que só serviam para pastos. [...] O cafeicultor era obrigado a reinvestir em novas propriedades se não quisesse ver declinar sua fortuna real. (DEAN, 1971, p. 50)

Essa era a realidade dos grandes fazendeiros paulistas, sempre em busca de novas terras férteis, e cada vez mais procurados, pois as histórias de enriquecimento rápido com o café se espalhavam. As terras “deixadas”, que só serviam para pastos, eram repartidas em pequenas propriedades e compradas por imigrantes ou pessoas com pouca renda, mas que viabilizava a falsa impressão de ascensão social e econômica. O acesso a terras exauridas pode ser observado na tabela a seguir que apresenta a nacionalidade dos proprietários rurais entre os anos de 1894 e 1914 em São Carlos-SP. O imigrante italiano só passou a ser proprietário da terra no início do século XX, quando o número de propriedade aumento e consequentemente o tamanho das propriedades, além das terras já terem sido usadas por cerca de 20 anos para a produção de café com técnicas rudimentares.

Tabela 1. Nacionalidade dos proprietários rurais - 1894-1914.

Ano	Total	Italiano	Português	Outras	Total de Estrangeiros
1894	187	5 (2,67%)	-	-	5 (2,67%)
1905	313	40 (12,78%)	14 (4,47%)	7 (2,24%)	61 (19,49%)
1914	312	75 (24,04%)	-	-	75 (24,04%)

Fonte: MELO, 1975, p. 136.

Contrariamente à política nacional de imigração destinada a atrair imigrantes para o trabalho somente nas lavouras de café (braços para a lavoura), uma parcela voltava-se para as cidades montar pequenos negócios. Algumas vezes alcançavam êxito com seus

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

negócios e se tornavam industriais ou conseguem comprar pequenas parcelas de terra já exauridas pelo café. Mas como mostra Warren Dean (1971), eles tinham poucas possibilidades de elevarem-se acima da classe inferior, quando muito chegavam ao nível do comércio varejista ou das oficinas mecânicas nas cidades. Aqueles imigrantes que conseguiam igualar-se aos fazendeiros em posição social eram de origem totalmente diversa da maioria²⁰.

A razão mais óbvia, segundo Dean (1971), da preponderância de imigrantes nas atividades comerciais, muito embora não explique sua tendência para a manufatura, é a ausência, quase que completa de um quadro de paulistas com um estilo urbano de vida. A própria vinda dos imigrantes por meio das companhias de navegação favoreceu o contato com o meio urbano, pois eles passavam dias alojados nas cidades, principalmente em São Paulo, ouvindo narrativas pouco favoráveis do mundo rural. Na cidade de São Carlos também funcionou uma hospedaria de imigrantes na década de 1890, visando facilitar a vida dos fazendeiros que não precisavam se dirigir para São Paulo em busca de braços para suas lavouras.

Dean ressalta a habilidade dos primeiros empresários, que captam ou não as oportunidades surgidas no mercado para efetuar a industrialização para São Paulo, e que os imigrantes possuíam muitas vantagens em relação ao trabalhador nacional, no que diz respeito às oportunidades de trabalho nas cidades. É claro, que

além dos seus antecedentes urbanos e da experiência comercial anterior, e além das vantagens que lhes proporcionava um grande mercado de compatriotas, os imigrantes possuíam ainda outra superioridade: as conexões que podiam manter com fontes de capital nos países de origem. (DEAN, 1971, p. 62)

Não se deve esquecer que inicialmente os imigrantes não estavam adaptados aos hábitos brasileiros, e muitas vezes preferiam os produtos que vinham de seus países de origem, devido a seu sabor, por hábito ou por lhe trazerem lembranças familiares, ou mesmo pela qualidade. Outro fator de atração para o trabalho no comércio, é que muitas vezes os comerciantes estrangeiros preferiam contratar pessoas da mesma nacionalidade para uma melhor comunicação e entendimento. Esse fato ocorria principalmente com ingleses, alemães, sírios e libaneses²¹. Não parece ter sido o caso dos italianos, pois

²⁰ DEAN, 1971, p. 59.

²¹ Segundo Oswaldo Truzzi (1997, p. 47), um facilitador para a inserção dos sírios e libaneses no comércio foi o fato de ser o fornecedor seu patrício e de necessitarem apenas um conhecimento rudimentar da língua portuguesa. Os mascates trabalhavam para os patrícios já estabelecidos que lhes adiantavam as mercadorias a serem vendidas. Após a venda, era feito o acerto de contas. Um fornecedor de mercadorias normalmente já havia sido um mascate, isto significa dizer que, conhecia bem o trabalho a ser feito e servia de fonte de

segundo Eugenio Bonardelli, funcionário consular italiano, os italianos rapidamente esqueciam a língua italiana, principalmente entre seus descendentes. Segundo Dean (1971, p. 65), Bonardelli observou que a razão disso era a ausência da utilidade prática da mesma.

O imigrante e seus impactos

A expansão do café deu um novo dinamismo à região, a infraestrutura da região foi alterada pela vinda de novas tecnologias, como era de se esperar. Em 1884, foi inaugurada a estrada de ferro ligando a cidade de São Carlos à Rio Claro, e desta à São Paulo e ao Porto de Santos. Obra fundamental para o escoamento da produção cafeeira. Em 1889, foi instalado o telefone. No ano seguinte, foram canalizadas as águas da Biquinha. Em 1893, foi instalada a iluminação elétrica para casas e vias públicas. São Carlos foi a segunda cidade do interior do Brasil a receber iluminação elétrica. A construção da rede de esgoto pelos engenheiros Malfatti e Huggins iniciou-se em 1900, e concluída em 1903. Em 1913, as ruas foram calçadas com paralelepípedos, dando aparência especial à cidade. E em 1914, vieram os bondes elétricos, pois aqueles de tração animal tiveram uma vida efêmera devido à epidemia de febre amarela, que entre 1895 e 1898 assolou a cidade; provocando uma lacuna no progresso da cidade no final do século passado²².

O número de habitantes de São Carlos para o período era envolto por muitas controvérsias e informações desencontradas. Dados dispersos existentes permitem uma ideia aproximada da população de São Carlos. No trabalho de Joaquim Godoy (1978, p. s.n.) para o final do século XIX, a população de São Carlos calculada segundo o número de eleitores e dos fogos de cada uma por Manuel Eufrasio de Azevedo Marques, apurada em 1870, era de 4.000 habitantes. Segundo Cincinato Braga (**ALMANACH** de São Carlos do Pinhal, 1894, p. XLIX), em 1893, a população de São Carlos “com bons dados a de todo o município em 30.000 almas; a urbana, em 8.000 habitantes”. São Carlos teve em 1905, sua população praticamente dobrada pelos dados do Almanaque de São Carlos (**AUGUSTO**, 1905, p. s.n.), “calcula-se em sessenta mil almas aproximadamente a população do município”.

aspiração para o iniciante. Além disso, muitas vezes o mascate era um parente ou um conterrâneo do fornecedor, o que estreitava ainda mais os laços.

²² **ENCICLOPÉDIA** de Municípios Brasileiros, 1958, **ALMANACH** de São Carlos do Pinhal, 1894; **CASTRO**, 1916-1917; **CAMARGO**, 1928. e **ÓSIÓ**, 1991.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

O pesquisador Júlio Ósio apresenta um quadro da população de São Carlos para o período de 1872 a 1916, comparado com outros municípios. Quadro esse baseado no Anuario Demographico de 1917, secção de estatística demografo-sanitária. São Carlos, de 1872 à década de 1890, era o segundo município do interior de São Paulo em número de habitantes, somente abaixo de Campinas; até o ano de 1916 era o terceiro município, abaixo de Campinas e Ribeirão Preto, e segundo o censo de 1916 ele voltou a ser o segundo no interior em número de habitantes.

Quadro 1. Populações de São Carlos, Ribeirão Preto, Campinas e São Paulo - Capital Entre os anos de 1872-1916.

	São Carlos	Ribeirão Preto	Campinas	São Paulo - Capital
1872	6.907	5.252	31.397	26.040
1886	16.104	10.420	41.253	47.697
1890	12.651	12.035	33.921	69.934
1900	55.729	59.195	67.694	239.820
1912	48.379	58.220	104.894	400.000
1916	70.209	69.130	104.775	541.690

Fonte: ÓSIO, 1991, p.73.

O desenvolvimento urbano e aumento populacional foram gerados pelo complexo cafeeiro. No ano de 1898, 27.214 imigrantes entraram em São Paulo pela Hospedaria, dos quais 23.713 dirigiram-se para o interior. São Carlos aparece como terceiro colocado entre as cidades de maior recebimento de imigrantes nesse momento com o destino de 1.340 imigrantes²³. Nos anos subsequentes, a “escolha” por São Carlos continuou a ser grande dentre as cidades do interior paulista. São Carlos que contava em 1890 com um total geral de cerca de 10% de sua população de estrangeiros, em 1920 já passou para cerca de 25%, sendo este um expressivo aumento da população²⁴. Estes dados comprovam como a produção do café e a entrada de imigrantes foram importantes para o desenvolvimento social, urbano e econômico.

²³ O primeiro destino “escolhido” em 1898 foi Ribeirão Preto com 2.397 imigrantes, e o segundo foi São Simão, 1.894 imigrantes. RELATÓRIO (1898) Dr. Alfredo Guedes, Secretário da Agricultura, 1899.

²⁴ BASSANEZI; FRANCISCO (2002).

Os dados de Melo (1975, p. 60) revelam a predominância dos imigrantes italianos entre os estrangeiros, tendência que se manteve constante durante o final do século XIX e início do século XX. Segundo o historiador, a cidade de São Carlos contava com 16.104 habitantes no ano de 1886, sendo 14.053 nacionais (87,26%) e 2.051 estrangeiros (12,74%). A maioria dos estrangeiros eram os italianos (1.050), depois vinham os portugueses (464), os alemães (371), os espanhóis (117), os austríacos (25), os franceses (quatro), os ingleses (dois), os africanos (12), e os de outras nacionalidades (seis).

Segundo os Almanques de São Carlos dos anos de 1894 e 1916-1917, antes de terem alguma presença como proprietários de terra, os imigrantes italianos estavam inseridos na vida urbana, principalmente como pequenos comerciantes e artesãos. O elemento italiano ajudou no progresso do comércio e da indústria da cidade de São Carlos. Os imigrantes foram importantes e fundamentais para a produção do café, mas em vista do grande número e pela propensão ao urbano, eles modificaram profundamente a vida urbana e social das cidades de São Paulo. Para Domingos de Lucca, habitante local e descendente de imigrantes, os estrangeiros que amaram e se enraizaram nesta terra, elevaram-se com muito esforço e paciência

da roça ao pequeno comércio, do pequeno ao grande comércio, da pequena à grande indústria, e do comércio e da indústria à roça novamente, já não mais como humildes e benéficos colonos, mas proficientes sitiantes ou abastados fazendeiros. [...] Não ha recanto de S. Carlos onde o obreiro italiano não haja colocado uma pedra, não ha um recanto de S. Carlos que não tenha sido pisado, movido, vivificado, direta ou indiretamente, unicamente ou em colaboração, por italianos (CAMARGO, 1928, p. s.n.).

Angelo Trento detecta já nas primeiras correntes migratórias as atividades urbanas desempenhadas pelos italianos no Estado de São Paulo.

Ao chegarem num momento de transição, isto é, quando a escravidão entra em crise e se recorre ao trabalho livre, os imigrantes conseguem inserir-se num contexto urbano ainda magmático, que oferece possibilidades de empregos em fase de gestação e de definição, e, portanto, ainda não aproveitadas pelos poucos trabalhadores locais. Em todos os setores do trabalho urbano, por longo tempo, prevalecerá uma situação de monopólio por parte dos estrangeiros. (TRENTO, 1989, p. 127).

A presença do imigrante italiano no comércio de São Carlos é marcadamente percebida pelo grande número de casas comerciais de propriedade de italianos²⁵. Primeiramente os italianos dirigiram-se para o comércio ambulante; ao se estabelecerem

²⁵ Observa-se que os comerciantes aqui relacionados eram aqueles que pagavam impostos, pois se utilizou como fonte os Almanques de São Carlos. Como a taxa de impostos era alta, infere-se que o número real de imigrantes comerciantes deve ter sido até superior ao aferido.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

nas cidades, os mascates abriam uma lojinha, de preferência de gêneros alimentícios, de armarinhos ou de artigos diversos²⁶. Em 1894, São Carlos contava com 19 mascates sendo destes 10 eram italianos, com 44 armazéns de fazendas dos quais 35 eram de italianos, com 32 armazéns de ferragens e tintas dos quais 18 eram de italianos, de 16 açougues existentes 11 eram de italianos, entre os 40 botequins, bares e restaurantes 27 eram de italianos, das 10 padarias oito eram de italianos, e dos 190 secos e molhados 115 eram de italianos²⁷. Esses dados revelam a importância dos imigrantes italianos como proprietários, mas não foi possível aferir quantos desses italianos contratavam italianos para seus atendentes nesses estabelecimentos, o que se infere ser muito elevado.

Segundo Trento (1989, p. 130), além do setor comercial, o mundo do trabalho urbano oferecia outras possibilidades de inserção ao imigrante italiano, principalmente às camadas mais baixas. Os italianos eram numerosos entre os barbeiros, sapateiros, alfaiates, cocheiros, carregadores, marmoristas, marceneiros, ferreiros, entre outros. Em São Carlos, segundo os dados do Almanaque de 1894, os imigrantes italianos ocupavam preferentemente as seguintes profissões: alfaiataria (93,75%), barbeiros (76,92%), cocheiros (66,67%), ferreiros e serralheiros (60%), marceneiros e carpinteiros (66,67%), marmorista (100%) e sapateiro (91,18%). Em 1916-1917 basicamente todos os alfaiates, ferreiros, sapateiros da cidade eram italianos.

Segundo Truzzi (1986, p. 213), os italianos se dirigiram às profissões que eles exerciam já na sua pátria, geralmente aquelas que exigiam habilidades manuais, experiência e treinamento técnico. Esse era o caso de Michelle Giametti, ferreiro na Itália e em São Carlos, onde possuía uma oficina de conserto de carroças, ou Pietro Maffei, que era oleiro e continuou sua profissão em Campinas, antes de se transferir para São Carlos; como Dante Ciarrocchi, Rugiero Mastrofrancisco, Abel Fiogo, entre outros.

Considerações finais

São Carlos foi uma típica cidade interiorana do Oeste Cafeeiro, com grande produção cafeeira, grande entrada de imigrantes e com as dificuldades e as realidades do complexo cafeeiro. Ao final do século, como outros núcleos urbanos da região cafeeira, passou por um crescimento significativo, em termos espaciais e populacionais. Ao lado de uma grande leva de imigrantes, principalmente italianos, que se dirigia às fazendas de

²⁶ TRENTO, 1989, p. 129.

²⁷ RIZZOLI, s.d. apud **ALMANACH** de São Carlos do Pinhal, 1894, p. 95-114.

café, existia uma parcela que convergia para a zona urbana. As mudanças sociais e econômicas ocorridas provocaram na cidade um dinamismo das atividades comerciais e industriais, por si só ou em larga medida por reflexo das atividades rurais. O impulso dessas atividades, o impacto da chegada de um grande número de estrangeiros, a diversidade étnica, os conflitos e as dificuldades de integração são revelados por meio das páginas dos jornais locais, principalmente do *L'Operaio Italiano*, como evidenciado.

Os imigrantes, especialmente os italianos, tiveram um papel ativo nessas transformações, foi possível perceber essas mudanças, principalmente nas atividades econômicas e nos conflitos gerados que se deu basicamente por seu intermédio. A grande maioria dos proprietários de casas comerciais em São Carlos, no período, era de italianos, nos mais diferentes setores, como mostrou a pesquisa. O imigrante italiano teve um papel preponderante no nascimento da economia rural e urbana de São Carlos. As primeiras indústrias e a massa consumidora, nesse início da urbanização, eram formadas por imigrantes e seus descendentes.

O predomínio numérico, o duro processo de integração, as dificuldades sazonais da produção do café, a mentalidade escravocrata dos fazendeiros, o impacto da chegada em uma terra estranha, as epidemias, entre outros fatores, contribuíram para ocasionar uma série de conflitos envolvendo o imigrante italiano. A violência sempre está presente no processo imigratório. O deslocamento de um país para outro vem acompanhado de uma grande e pesada carga de consequências psicológicas e sociais. Vários tipos de conflitos envolveram o imigrante neste momento de transição. A maior parte dos delitos encontrados nas páginas dos jornais se refere à embriaguez, à desordem e à vadiagem, o que nos faz observar que são delitos leves e em decorrência da não integração do imigrante na nova sociedade. Ao lado desses conflitos menores, os imigrantes enfrentaram grandes dificuldades econômicas como, por exemplo, o não recebimento de salários e o tratamento dado pelos fazendeiros. O imigrante causou uma efervescência na vida urbana e rural.

A imprensa revelou ser uma importante e rica fonte de estudos para se desvendar o que foi o cotidiano de uma sociedade em formação no final do século XIX. Aliás, ela foi aqui tratada como fonte histórica, fonte de (re)construção identitária, fonte de disputas de poder, fonte de conflitos, fonte de informações, mas também como um elemento ativo na socialização dos indivíduos. O jornal fazia uma espécie de ponte de ligação entre os indivíduos, entre suas angústias e necessidades reais e o poder público, e também, por vezes, entre o Brasil e a Itália, numa tentativa de aplacar o duro processo imigratório.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

Outro aspecto importante dos jornais, que se pôde observar, foi a integração social proporcionada por eles ao imigrante. É por meio dos jornais que o imigrante expõe publicamente suas aflições e alegrias, seus conflitos e suas festas, seus pensamentos e suas observações. Os jornais devem ser tomados como estruturas estruturadas, isto é, externas aos agentes da ação como apresentado na teoria da prática de Bourdieu. Desta forma, a partir da análise dos jornais e de suas representações será possível o reconhecimento das estruturas estruturantes, das relações sócio-econômicas prevalentes do período. Os jornais desempenham uma função próxima a estrutura estruturante proposta por Bourdieu na construção das representações sociais. Os jornais organizam e representam as diretrizes colocadas dentro do campo de batalha que é a sociedade, segundo Bourdieu²⁸. A sociedade opera como um campo de batalha apoiando na força e no sentido, dando ênfase à força do sentido. Sendo assim, as notícias eram resignificadas por aqueles que a liam e os mobilizava para as ações dentro da sociedade. Quando o *L'Operaio Italiano* publica *O Capital* de Karl Marx em italiano, na forma de folhetim, existia uma intencionalidade de estruturação das ações dos indivíduos na sociedade. Observa-se assim uma aspiração de interferência na identidade e na sua construção, bem como a pretensão de uma outra sociedade. A própria busca, ou expulsão, para “terras” distantes já simboliza um latente desejo de estruturação de novas relações sociais. As estruturas sociais são construídas dentro de condições próprias e históricas específicas, e moldas o indivíduo, inscrevendo-lhe valores, significados e regras de conduta, segundo Bourdieu.

As modificações estruturais ocorridas em São Carlos nesse contexto de transição do trabalho escravo para o livre, na pujança do complexo cafeeiro, os conflitos sociais, as modificações econômicas, políticas e sociais, e transformações na urbanização não são exclusividade dessa cidade. Muitas outras cidades seguiram basicamente esse padrão, como é o caso, por exemplo, de Ribeirão Preto, Santos e Campinas, entre outras tantas do interior do Estado de São Paulo. Cabe ressaltar que a pesquisa específica dos jornais dessas cidades nesse momento histórico desvelariam outras relações e congênias ainda não alcançadas.

²⁸ BOURDIEU, 2007.

Referências

- ALMANACH DE São Carlos.** São Carlos do Pinhal: Edictora a empresa d'O Popular, 1894.
- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo; FRANCISCO, Priscila M.S. Bergamo (Orgs). **Estrangeiros no estado de São Paulo: dados censitários 1854-1950.** Campinas: NEPO/UNICAMP, 2002. 1 CD-ROM.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMARGO, José Ferraz (org). **Almanach Anuario de S. Carlos.** São Carlos: s.d., 1928.
- CANO, Wilson. Complexo cafeeiro paulista e alguns complexos regionais. In:____. **Raízes da concentração industrial em São Paulo.** 4.ed. Campinas: UNICAMP.IE, 1998. p.29-132.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CASTRO, Antonio Barros de. A herança regional do desenvolvimento brasileiro. In:____. **Sete ensaios sobre a economia brasileira.** São Paulo: Forense, 1971. v.2, cap.4, p.11-100.
- CASTRO, Franklin de (org). **Almanach-album de São Carlos.** São Carlos: Typografia Artística, 1916-1917.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia a república: momentos decisivos.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DAMIANO, Octavio. **Imprensa são-carlense: 1876-1995.** São Carlos: [s.n.], 1996.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo, 1880-1945.** São Paulo: Difel, 1971.
- ENCICLOPÉDIA de Município Brasileiros** (vol. XXX - Municípios do Estado de São Paulo - r-z). Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- GODOY, Joaquim Floriano de. **A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso.** 2.ed. fac-sim. São Paulo: Governo do Estado, 1978. (Coleção Paulística, v.12).
- GOOCH, John. **A unificação da Itália.** São Paulo: Ática, 1991.
- HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café.** Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JUNQUEIRA, Marili Peres. **Nas entrelinhas dos jornais: cotidiano do imigrante italiano na imprensa de São Carlos (1880-1900).** Araraquara, 1998. 236p. Dissertação (mestre em sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

*Os Imigrantes Italianos e o Jornal Local L'Operaio Italiano:
a formação social e econômica de São Carlos-SP no final do século XIX*

- LORENZO, Helena Carvalho de. **Origem e crescimento da indústria na região “Araraquara - São Carlos” (1900-1970)**. São Paulo, 1979. 181p. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MADUREIRA, Maria de Anunciação. **A diversificação das atividades urbanas em São Carlos face à cafeicultura - 1860 a 1920**. Araraquara, 1987. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MELO, Vilmo Guimarães. **A imigração italiana e a transformação da estrutura econômico-social do município de São Carlos**. Marília, 1975. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- ÓSIO, Júlio Roberto. **A saúde do capital: o processo de organização dos serviços de higiene e saúde em São Carlos - 1850 - 1920**. São Carlos: PPG em Ciências Sociais/UFSCar, 1991.
- RELATÓRIO** correspondente ao anno de 1898 apresentado ao Presidente do Estado Coronel Fernando Prestes de Albuquerque pelo Dr. Alfredo Guedes, Secretario da Agricultura. Secretaria dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas. São Paulo: Typographia do “Diario Official”, 1899.
- RIZZOLI, Alvaro. **Imigração e violência**. Universidade Federal de São Carlos, 1995. Relatório do CNPq. Trabalho não publicado.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel/Istituto Italiano di Cultura di San Paolo/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.
- TRUZZI, Oswaldo. **Café e Indústria. São Carlos: 1850-1950**. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, 1986.
- _____. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- VANGELISTA, Chiara. **Os braços da lavoura**. Imigrantes e “caipiras” na formação do mercado de trabalho paulista, 1850-1930. São Paulo: Hucitec, 1991.